

# A idealização do passado no conservadorismo reformista de Thomas Carlyle\*

*The idealization of the past in Thomas Carlyle's reformist conservatism*

Filipe Lomba Garcia Roza\*\*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo promover uma breve análise acerca dos escritos de Thomas Carlyle como expoentes do conservadorismo reformista no século XIX. Será feita uma explanação sobre a vida de Carlyle e sobre a condição social inglesa no início do mesmo século; seguida de uma análise sobre medievalismo romântico – sendo este um processo imaginativo de idealização da Idade Média – e sobre como as obras de Carlyle podem ser inseridas dentro desse conceito de conservadorismo reformista. Tal artigo se faz necessário num cenário contemporâneo cada vez mais reducionista acerca do conservadorismo, especialmente aos que tentam de todas as formas desassociar o conservadorismo das experiências de Estados fortes no século XIX.

**Palavras-chave:** Thomas Carlyle; Medievalismo; Conservadorismo; Século XIX.

**Abstract:** This article aims to promote a brief analysis of Thomas Carlyle's works as exponents of reformist conservatism in the 19th century. An explanation will be made of Carlyle's life and English social status at the beginning of the same century; followed by an analysis of romantic medievalism – this being an imaginative process of idealizing the Middle Ages – and how Carlyle's works can be inserted within this concept of reformist conservatism. Such an article is necessary in an increasingly reductionist contemporary scenario about conservatism, especially to those who try in every way to disassociate conservatism from the experiences of strong states in the 19th century.

**Keywords:** Thomas Carlyle; Medievalism; Conservatism; 19th Century.

Recebido em: 25/11/2020

Aprovado em: 9/12/2020

---

\* O presente artigo contém passagens, fragmentos e reflexões que foram mais aprofundadas em nossa dissertação de mestrado intitulada *Thomas Carlyle: Medievalismo e conservadorismo reformista na obra 'Past and Present (1843)'*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Espírito Santo em agosto de 2019. Para mais informações, cf. Garcia Roza (2019).

\*\* Mestre pelo Programa de História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Graduado pela mesma instituição. E-mail: filipelomba@yahoo.com.br.

## Carlyle e a condição dos trabalhadores ingleses

Nas vésperas de se completar 140 anos de seu falecimento, o escocês Thomas Carlyle nunca perdeu seu legado como uma figura polêmica e controversa, tanto para seus contemporâneos como para as gerações posteriores. Passado de reformista elogiado por Engels até o título de profascista atribuído levemente em meados do século XX, Carlyle legou escritos que ressoam um momento de surgimento e consolidação do pensamento conservador, mesmo que expoentes atuais dessa corrente política – ou pelo menos os que assim se intitulam – não reconheçam (por ingenuidade ou má fé) a íntima relação entre conservadorismo e políticas de Estado. Sendo a produção historiográfica brasileira sobre Carlyle ainda muito escassa, este artigo, fruto de nossa dissertação, procura elucidar importantes pontos de suas obras, especialmente as de cunho reformista.

Nascido na Escócia, em 1795, Thomas Carlyle veio de uma família de origem humilde e intensamente ligada à religião calvinista. Formou-se em Teologia pela Universidade de Edimburgo com a intenção de seguir carreira dentro da Igreja da Escócia, formação essa que ecoou ao longo de toda a sua extensa obra, a qual englobou ensaios, panfletos e livros. Seu distanciamento da meta de virar ministro da Igreja da Escócia foi atribuído à uma latente crise de fé, associada ao impacto do ceticismo racionalista da própria Universidade de Edimburgo. A ideia racionalista de que Deus seria um grande relojoeiro e de que o mundo seria movido por engrenagens, logo não precisaria mais de Sua ação – assim como o funcionamento constante de um relógio – foi uma das que mais abalou o escocês, tanto em sua fé, quanto em sua experiência com o mundo externo (CHANDLER, 1970, p. 124). Não era concebível para Carlyle essa concepção metafísica mecanicista da realidade que empobrecia e reduzia o mundo a um mero sistema de engrenagens; sistema esse profundamente solapado pelos ditames econômicos do *laissez faire*, sem uma organização, perpetuado pelo egoísmo e influência das transformações do cenário europeu a partir da Revolução Industrial.

Foi em seu primeiro contato com obras de escritores alemães românticos e idealistas que Carlyle pôde buscar novos caminhos para sua fé. A partir desse contato, na década de 1820, passou a desempenhar a função de tradutor de obras alemãs, como *Wilhelm Meister*, de Johann Wolfgang von Goethe, em 1824. A influência dos românticos em Carlyle resultou em diversas publicações do escocês em inúmeras revistas sobre Novalis,<sup>1</sup> Schiller<sup>2</sup> entre outros escritores alemães.<sup>3</sup> Foi a partir das visitas à Inglaterra nos anos

<sup>1</sup> Georg Philipp Friedrich von Hardenberg, conhecido pelo pseudônimo de Novalis (1772-1801): poeta, filósofo e linguista alemão.

<sup>2</sup> Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805): poeta e dramaturgo alemão.

<sup>3</sup> A título de exemplificação, podemos citar a *Fraser's Magazine*, a *Edinburgh Review* e *Foreign Quarterly*

de 1820, seguido de seu casamento com Jane Baille Welsh, em 1826, e da mudança com esta para Londres, em 1834, que Carlyle pôde presenciar a condição das relações sociais na Inglaterra. Porém, foi ainda no final da década de 1820 que Carlyle se voltou à produção de escritos para além de suas traduções e elogios aos românticos alemães, muitos deles como uma tentativa de compreensão do mundo em que se situava (LOPES, 2010, p. 18). As produções do escocês nas décadas de 1830 e 1840 – para além do ensejo de atribuição de sentido às suas crises – tiveram como alvo de reflexão e crítica as transformações decorrentes da Revolução Francesa, o processo de industrialização na Inglaterra e sua reconfiguração social nas grandes cidades, especialmente porque Carlyle residiu na Inglaterra parte de sua vida.

O impacto da Revolução Francesa e da industrialização na Europa projetou a classes antes excluídas das decisões políticas (como a burguesia) para dentro dessas disputas e consolidou o capitalismo industrial como a nova força motriz da economia e sociedade dos países europeus. As atividades urbanas nesse novo sistema produtivo haviam perdido qualquer vínculo com o tempo da natureza, isto é, com os referenciais dessa natureza – nascer do sol, anoitecer, períodos de chuvas. Foi introjetada pela lógica capitalista industrial um tempo mecânico; arrancou o homem da lógica da natureza para um tempo abstrato e repetitivo, fundamental para a construção dessa nova sociedade inglesa industrial (BRESCIANI, 1992, p. 17-18). Carlyle viu em Londres, Manchester e Birmigham o resultado de um caótico crescimento demográfico: complexos industriais superpopulosos e com degradantes condições sanitárias para a classe trabalhadora vinda então das zonas rurais. A consolidação da ordem capitalista veio acompanhada do declínio das atividades tradicionais, tais como a agricultura e manufaturas domésticas, dando lugar à produção mecanizada em larga escala e nessa fuga para as grandes cidades (ARTHMAR, 2005, p. 337). Por causa dos chamados *enclousures*,<sup>4</sup> pela concentração industrial e pelo agrupamento de massas de trabalhadores em imensas unidades fabris, o crescimento demográfico praticamente dobrou entre 1800 e 1850. O amontoado de trabalhadores em Londres havia tomado proporções colossais em poucas décadas, com milhares de famílias vivendo não apenas em paróquias e ruelas de bairros abastados, mas em comunidades operárias sem nenhum alcance do braço do Estado. Foi nesse momento de degradação social que surgiram diversos movimentos populares insatisfeitos com as condições de vida nas grandes zonas urbanas, destacado o surgimento do movimento cartista, proveniente de uma carta de exigências escrita pelo filósofo radical William Lovett com uma série de exigências para a melhoria das condições de trabalho para o parlamento inglês, o qual a

---

Review. Cf. Carlyle (1893).

<sup>4</sup> Prática de cerceamento de terras comum desde o século XVII feita pela aristocracia rural inglesa voltada à criação de ovelhas e produção de lã. Tal medida acarretou na expulsão em massa de diversos camponeses que dependiam da terra.

rejeitou e reprimiu com prisões e mortes as manifestações populares. Sobre a ampliação de direitos políticos para esses trabalhadores, a maioria dos filósofos e políticos liberais (*Whigs*) ou conservadores (*Tories*) rejeitou tal ensejo; o que não significa que as produções literárias e legislativas do momento não manifestassem buscassem – à maneira deles – tentativas de apaziguar esses conflitos, seja pela dispersão ou pela caridade. Dito isso, viu-se em Thomas Carlyle uma tentativa de se realizar mudanças para apaziguar o caos imperante nos bolsões urbanos. Carlyle viu o abandono das classes abastadas para com seu povo; defendeu uma orientação das classes responsáveis, uma educação popular – diga-se alfabetização – e uma emigração planejada – realocação desses trabalhadores – para se dispersar as grandes regiões de miséria. Quanto às exigências por democracia, Thomas Carlyle as considerava um capricho, pois a democracia seria um mero instrumento para uma maior individualização do ser humano, que acima de tudo procuraria apenas seus próprios interesses. Foi nessa miríade de escritos inflamados que Carlyle, na década de 1840, produziu *On heroes* (1841) e *Past and present* (1843), duas obras que ressaltaram não apenas suas proposições conservadoras, mas como estas vinham carregadas de reformismo, mesmo que pela visão lúdica de um suposto ordenamento da Idade Média.

### **Medievalismo e idealização do passado**

O ensaio do cientista político turco Doğançan Özsel (2014), intitulado *The Theme of Change in the Conservative Ideology*, auxilia na discussão sobre o caráter reformista presente ao longo da história do pensamento conservador. Olhando de forma superficial e despreziosa, percebe-se a clara dicotomia entre *conservadorismo* e *mudança*; especialmente quando se trata o conservadorismo como uma preservação da situação sociopolítica, cultural e econômica de uma sociedade. O conservadorismo foi e ainda é visto por muitos como um simples protetor do *establishment* e contra costumeiras inovações; ser conservador seria saber usar e desfrutar do que está disponível do que o desejo por qualquer outra coisa que não esteja presente (ÖZSEL, 2014, p. 1). Porém, a relação entre o pensamento conservador e mudanças sociais foi e continua a ser – após quase duzentos anos do suposto surgimento de seu pensamento – bem complexa, especialmente porque não apenas governos conservadores realizaram mudanças, mas também os escritos de seus defensores. A ideia de responsabilidade de classes abastadas ainda está presente nas correntes conservadoras. No século XIX essa noção conservadora se fez presente num movimento de estetização do passado, que foi, posteriormente, chamado de *medievalismo*. De acordo com a linguista norte-americana, Alice Chandler (1970), o ressurgimento do ideal medieval foi um movimento complexo e, assim como o Romantismo, de difícil delimitação; apesar das inúmeras diferenças entre os escritores

participantes desse medievalismo, o desejo central dessa imaginação se refugiou na sensação de se sentir em casa num mundo ordenado e ainda assim, orgânico; quanto mais o mundo mudava, mais a visão mítica do medieval era resgatada como uma Era de Ouro. A idealização do passado medieval praticada pelos românticos era tratada como um contrabalanceamento do presente em constantes revoluções e transformações de modo mais amplo. De acordo com Löwy e Sayre (2015, p. 44):

Há um desejo ardente de reencontrar o lar, retornar à pátria, no sentido espiritual, e é precisamente a nostalgia que está no âmago da atitude romântica. O que falta no presente existia antes, em um passado mais ou menos longínquo. A característica essencial desse passado é a diferença com relação ao presente: ele é o período em que as alienações modernas ainda não existiam. A nostalgia aplica-se a um passado pré-capitalista, ou pelo menos a um passado em que o sistema socioeconômico moderno ainda não estava plenamente desenvolvido [...].

Ao longo da história, o medievalismo foi parte ora da construção de uma narrativa de afirmação, ora de confrontação de uma realidade. O chamado *Early Medievalism* no período *elisabetano* na Inglaterra foi usado para reafirmar e legitimar o poder da Reforma Protestante e da dinastia Tudor no século XVI com a consolidação da nação inglesa. No século XVII, a Revolução Gloriosa foi a impulsionadora de novos usos do medievalismo para limitar o poder monárquico: para os *Whigs* a celebração da antiga liberdade britânica; para os *Tories*, um arrependimento pelo passado feudal rejeitado (CHANDLER, 1970, p. 1-2). Se os literatos desse período fizeram uso do ideal medieval para a reafirmação de uma situação vigente, os do século XIX o usaram como oposição ao que se apresentava supostamente como *status quo*. A mão-de-obra das sociedades pré-industriais era formada por famílias que possuíam obrigações aos seus senhores, tinham suas terras e produziam sua própria subsistência; ou por possuidores de oficinas artesanais – foi nesse principal argumento que se embasou os olhares dos literatos para o medievalismo. No século XIX, o início das críticas às condições dos trabalhadores fabris veio acompanhado de uma idealização do passado em que o homem do campo, mesmo restrito de suas liberdades, possuía as condições para se viver com o mínimo de dignidade. Não foi só a fome, a exploração e a degradação que apareceram nos escritos desses românticos “medievalistas”, mas também um senso de perda da conexão com a sociedade em si, uma deterioração da proximidade entre indivíduos. A relação econômica de cooperação mútua dos trabalhadores dos tempos medievais se deteriorou e deu lugar ao *laissez faire*. O nexos familiar deu lugar ao nexos financeiro, já que a estrutura feudal foi tida como um período em que se dava a cada homem um lugar na sociedade e os ordenava. Ao se debruçar sobre um passado medieval inglês carregado de idealismo,

Carlyle procurou por dois pilares que se deterioraram em seu presente: a fé e a ordem. Foi primeiramente em *On heroes* que Carlyle (1841) manifestou essa ausência por meio do resgate de diversas figuras históricas que – ao fim e ao cabo – possuíam uma forte inclinação à liderança. Os heróis conduziram o povo rumo à plenitude de sua geração e de sua sociedade; liderança essa fundamental para se estabelecer ordem social. Carlyle (1963, p. 10) afirma a importância da fé – tão em escassez em seu presente devido ao ceticismo – numa sociedade:

Diz-se muito bem, em todos os sentidos, que a religião dum homem é o principal ato que lhe respeita. Dum homem ou duma ação de homens. Por religião, eu não significo aqui o credo da igreja que ele professa, os artigos de fé que ele assina e, por palavras ou de outro modo, defende. Não isto inteiramente, em muitos casos não isto absolutamente. Nós vemos homens de todas as espécies de credos professados chegar a quase todos os degraus de dignidade ou indignidade. Isto não é o que eu chamo de religião, esta profissão e defesa; que é muitas vezes uma profissão e defesa que provém das exterioridades do homem, da sua mera região argumentativa, se vier de tão fundo como isso. Mas a coisa em que um homem praticamente acredita (e isto bastantes vezes sem ele o asseverar, nem sequer para si próprio e muito menos para os outros); a coisa que praticamente um homem toma a peito, e conhece como certa, acerca das suas relações vitais com este misterioso universo, e o seu dever e destino ali, que é em todos os casos a coisa primária para ele, e que criativamente determina todo o resto. Isso é sua *religião*; ou, talvez, o seu mero ceticismo e *não-religião*: a maneira na qual ele se sente espiritualmente conexo com o mundo invisível ou não-mundo; e, quero acentuá-lo, se me disserdes o que isso é, vós dizeis-me numa grande extensão o que o homem é, que espécie de coisas ele fará [...].

Logo, uma sociedade com um cientificismo e racionalismo imperante não perduraria sem enormes dificuldades. Percebe-se então que o ensejo por novos líderes e pelo restabelecimento de uma fé constituiu uma proposta de mudança do *establishment* inglês, mesmo aparentemente essa mudança não sendo tão maléfica para os conservadores do XIX. Há então para o conservadorismo uma noção do que seria uma mudança aceitável e uma mudança não aceitável; sendo a primeira desejável e necessária e a segunda uma ruptura sem propósito aparente – revoluções, por exemplo. Seria então um reformismo moderado com o que já se encontra disposto (ÖZSEL, 2014, p. 1); no caso de Carlyle, esse reformismo não mudava aparentemente o cenário vigente na Inglaterra, ou, pelo menos, não alterava as posições sociais.

## Conservadorismo reformista

É possível inferir que existe então uma diferença latente entre Thomas Carlyle e seus mestres românticos e outros conservadores de início do século XIX, diferença essa que é expressada no momento histórico não presenciado por Carlyle. Por ter nascido em 1895 numa região escocesa em que esse desenvolvimento industrial já avançava, Carlyle não presenciou os anos anteriores a essa transformação, diferentemente de outros românticos ingleses e conservadores como o saboiano Joseph de Maistre ou o inglês Edmund Burke – ambos, em alguma medida, saudosistas e opositores frontais à Revolução Francesa, por exemplo. Carlyle, portanto, por ter iniciado seu processo de compreensão do mundo ao seu redor já no século XIX, nunca foi contra a industrialização; seus dois maiores inimigos eram a consequência direta do capitalismo industrial: a mecanização do trabalho e o amor ao dinheiro, responsáveis por gerar um individualismo corrosivo.<sup>5</sup> Infere-se, então, que o conservadorismo nunca foi um movimento hegemônico; por ser uma doutrina profundamente enraizada no historicismo,<sup>6</sup> mesmo que haja alguma pauta em comum, podemos falar de “conservadorismos”. Como ideologia, percebe-se, nos escritos de Thomas Carlyle, um conservadorismo em nenhuma ressalva em adaptar o novo à sua reestruturação social idealizada.

Operando de forma diferente do desânimo e estagnação dos românticos frente à Modernidade, a obra de Carlyle, especialmente *On heroes*, foi marcada pela tentativa de reestruturação social, muito ligada à concepção de paternalismo conservador que partiu não tão somente de ensaístas como Carlyle, mas de ativos membros do corpo político do Reino Unido. Esse paternalismo conservador nada mais era do que um crescimento do braço do Estado a quem não recebia o devido zelo; um governante que alcançasse todos os seus cidadãos em políticas públicas – a exemplo de diversos bairros de Londres que efetivamente não tinham a ação estatal. A promoção de uma vida digna para seus cidadãos e um forte elemento humanitário associado à responsabilidade das elites, as quais teriam deveres para com os mais necessitados, proporcionando a garantia de boas condições de trabalho, eram as principais preocupações de certos teóricos e estadistas, pelo menos fora do campo prático. Nessa concepção, a maior crítica sistemática ocorre

---

<sup>5</sup> Ambos tratados por Carlyle como parte do termo criado por ele chamado *industrialismo*.

<sup>6</sup> Seguindo parte das definições semânticas oferecidas pelo historiador alemão Gunter Scholtz (2011), o historicismo pode ser definido – como um dos múltiplos significados – como uma limitação da pesquisa histórica à coleta de dados históricos inseridos em um tempo e espaço, desprendidos da filosofia da história racionalista do iluminismo. A visão glorificadora e retrospectiva do passado também pode ser uma definição de historicismo e amplamente arraigado com o conservadorismo. É importante frisar que historiadores historicistas ao longo dos séculos XIX e XX não estavam involuntariamente presos a uma visão de mundo conservadora, porém a maioria dos intelectuais conservadores se define como historicista.

contra o egoísmo e o interesse restrito; uma crítica ao individualismo e uma considerável preocupação com melhores condições de trabalho nas fábricas (VINCENT, 1995, p. 73).

A preocupação para com o povo fez parte dos escritos *carlyleanos* até – pelo menos – *Past and present*, de 1843; foi apenas posteriormente, com o fortalecimento do pensamento socialista e a inclusão social nas decisões políticas, que Carlyle passou a adquirir uma aversão ao povo em prol dos grandes tiranos e estadistas. A maior inspiração reformista para o escocês provém da valorização das comunidades orgânicas e pastoris do Medievo para transpor para o presente uma ideia de comunidade e pertencimento a todos os cidadãos:

Uma das implicações da comunidade orgânica é a veneração pelos costumes estabelecidos. A devoção à ordem estabelecida é, necessariamente, concomitante à apreensão da tradição. A tradição incorpora mais sabedoria do que o indivíduo, visto personificar um estilo concreto de vida por várias gerações. As tradições podem ser confiáveis, ao contrário das teorias abstratas. A mudança, em si, em uma tradição não é repudiada, mas sim o ‘espírito egoísta da inovação’ que muda, em bases racionais, pela própria mudança em si (VINCENT, 1995, p. 84).

Essa comunidade de um passado idealizado supera, segundo Carlyle, não apenas a democracia, mas a própria liberdade defendida pelos iluministas. Não fazia sentido para o escocês os preceitos liberais numa sociedade absurdamente miserável e carente. Para Carlyle (1924, p. 204):

[...] Liberdade, me disseram, é uma coisa divina. Liberdade quando se torna a “Liberdade para morrer de fome” não é tão divina! Liberdade? A verdadeira liberdade de um homem, você diria, consistia em descobrir, ou ser forçado a descobrir o caminho certo, e andar nele. Para aprender, ou para ser ensinado, para qual trabalho ele realmente era capaz; e então, com permissão, persuasão e até compulsão, começar a fazer o mesmo! Essa é a sua verdadeira bem-aventurança, honra, “liberdade” no máximo de bem-estar: Se a liberdade não é isso, eu, pelo menos, me importo pouco com a liberdade [...].<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Tradução livre. No original: “[...] Liberty, I am told, is a divine thing. Liberty when it becomes the ‘Liberty to die by starvation’ is not so divine! Liberty? The true liberty of a man, you would say, consisted in finding out, or being forced to find out the right path, and to walk thereon. To learn, or to be taught, what work he actually was able for; and then by permission, persuasion, and even compulsion, to set about doing of the same! That is his true blessedness, honour, ‘liberty’ in maximum of wellbeing: if liberty be not that, I for one have small care about liberty [...]”.

A referida passagem da obra reformista de Carlyle, apesar de servir também como bússola do caminho que o autor tomou em sua velhice ao defender estados fortes e centralizadores, revela um tipo de paternalismo para os menos abastados. Esta preocupação de Thomas Carlyle com a condição inglesa também deve ser atribuída à tentativa de se evitar mais confrontos e insurreições radicais: os conservadores paternalistas e reformistas podem propor uma extensa mudança política e social para evitar mudanças consideradas mais radicais que podem naturalmente solapar certas tradições de uma sociedade específica, seja por interesse próprio ou não; tanto com uma contrarrevolução – incluindo como antecipação hipotética de uma revolução, como diversos governos autoritários do século XX.

Uma solução não-violenta proposta por Carlyle contra a massificação da miséria urbana foi atribuir o problema do trabalho como uma questão que só se resolveria por classes sociais internas a essa atividade: os que trabalham e os que coordenam os trabalhos, incentivando os capitães da indústria a serem nobres e justos antes de se preocuparem com a questão financeira imposta pelo mercado (CARLYLE, 1924, p. 260). Esses capitães se portariam como protetores demais, assim como a suposta designação do senhor feudal. O tratamento que Carlyle dá aos industriais é o de herdeiros das cavalaria medievais idealizadas pelo escocês; uma cavalaria não se sustenta pelo pagamento a ela oferecido – especialmente porque seriam facilmente manipulados por quem oferecesse mais –, mas pela confiança em seu líder. Segundo Carlyle, a indústria deveria funcionar da mesma: o amor dos homens não pode ser adquirido com um pagamento em dinheiro; pois se fosse desse último jeito, se beiraria à anarquia.

Carlyle desenvolve *Past and present*, então, fazendo um comparativo entre o homem sábio e pastoril das abadias medievais, onde os camponeses ao menos tinham dignidade, mesmo sem liberdade e a situação atual inglesa. Foi a partir dessa concepção de medievalismo que Carlyle propôs a adaptação do paternalismo feudal para a sociedade industrial, onde os mais abastados também seriam detidos de direitos e deveres e deveriam zelar pelos menos favorecidos. O medievalismo do autor atinge sua projeção máxima na formação do herói: um líder industrial que fosse capaz de harmonizar – nunca igualar – as classes vigentes na Grã-Bretanha do século XIX rumo a uma era de prosperidade. Quis Carlyle, assim, uma liderança zelosa dos industriais sobre os trabalhadores, com uma justiça e segurança acima da liberdade e da democracia. Nos termos de Carlyle, a liberdade política só seria válida nos controles e delimitações de um mundo hierarquizado e paternal; fora deste, a liberdade não passava de um valor meramente egoísta e recluso do homem com seu mundo. O pensamento conservador se mostra, aqui, como um reformismo profundo e necessário, segundo seus defensores, para se evitar uma rebelião ou revolução. Özsel (2014) declara que o conservadorismo pode promover extensas mudanças sociopolíticas para prevenir o radicalismo que destruiria

uma suposta substância da sociedade. Nesse caso, não seria uma preservação do *status quo*, mas um novo *status quo* como ele deveria ser – aos moldes da ordem medieval, segundo Carlyle; e esse reformismo pôde ser visto no alívio da pobreza, no paternalismo, no retorno à fé frente ao Deus relojoeiro e no senso comunitário defendido pelo escocês acima de qualquer interesse financeiro.

### **Considerações finais**

Os escritos de Carlyle provocam até hoje reflexões acerca da dificuldade de delimitar seu pensamento. Entretanto, observa-se que seu fascínio pela estética medieval – inspirada nos escritos do romantismo alemão – e sua imersão nos problemas sociais da sociedade inglesa foram forças motrizes para a publicação de diversos escritos nas décadas de 1830 e 1840 que o relacionam intimamente ao conservadorismo paternalista e reformista.

Por mais que as obras de Carlyle sejam munidas de um messianismo e de uma tentativa de readaptação de um passado lúdico e idealizante nos ditames da sociedade atual, tais reflexões são pertinentes para esclarecer certas características conservadoras que são esquecidas (muitas vezes de forma proposital) no debate público, especialmente as que envolvem: 1) a participação do Estado nas mudanças sociais; 2) a capacidade desse mesmo Estado ser autoritário sem deixar de ser conservador; 3) e como uma política de Estado conservadora não está necessariamente ligada a um *status quo* ou a um mesmo perdido há poucos anos ou décadas, mas sim na recriação de um modelo social ainda pouco experienciado e fantasioso.

### **Referências**

#### **Documentação primária**

CARLYLE, Thomas. *Critical and miscellaneous essays: collected and republished*. London: Chapman & Hall, 1893.

CARLYLE, Thomas. *Os heróis*. São Paulo: Melhoramentos, 1963. [1841].

CARLYLE, Thomas. *Past and present*. London: J.M. Dent & Sons, Ltd.: E.P. Dutton & Co., 1924. [1843].

## Obras de apoio

- ARTHMAR, Rogério. Ética calvinista, idealismo e revolução: Carlyle e a crítica da economia vitoriana. *Estudos Econômicos*, v. 35, n. 2, p. 335-357, 2005.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CHANDLER, Alice. *A dream of order: the medieval ideal in 19th century English literature*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1970.
- GARCIA ROZA, Filipe Lomba. *Thomas Carlyle: Medievalismo e conservadorismo reformista na obra 'Past and Present (1843)*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.
- LOPES, Renato. Thomas Carlyle (1795-1881). In: MARTINS, Estevão Rezende (Org.). *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petropolis: Vozes, 1995.
- ÖZSEL, Doğancan. The theme of chance in the conservative ideology. *Near East University Journal of Social Sciences*, v. 7, n. 2, 2014.
- SCHOLTZ, Gunter. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. *História da Historiografia*, n. 6, p. 42-63, 2011.
- VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.